

Resenha Bibliográfica

SOJA, EDWARD W. GEOGRAFIAS PÓS-MODERNAS: A REAFIRMAÇÃO DO ESPAÇO NA TEORIA SOCIAL CRÍTICA.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, 324 pp.¹

*Saint-Clair Cordeiro da TRINDADE JR.*²

“Geografias Pós-modernas”, de Edward Soja - geógrafo norte-americano, professor de planejamento urbano e regional da Universidade da Califórnia -, traz como idéia principal a necessidade de pensar a dialética social materialista, considerando a importância da dimensão espacial dos processos sociais; dimensão esta, segundo o autor, nem sempre levada em conta na teoria social crítica.

O livro chama a atenção, logo de início, pelo título que o acompanha. Ele traz no plural um adjetivo bastante difundido no meio acadêmico nos últimos anos (o “pós-moderno”) e, desta feita, associado explicitamente à geografia. Isto nos leva de imediato a refletir, primeiro, na possibilidade da abordagem “pós-moderna” na geografia e, segundo, na existência de uma pluralidade desse tipo de abordagem. A proposta, entretanto, como bem sugere o subtítulo, quer reafirmar a importância do espaço nas análises sociais.

1 Tradução de Vera Ribeiro, a partir da segunda edição inglesa, publicada em 1990 por Verso/New Left Books, de Londres, Inglaterra.

2 Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Pará, doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

Saint-Claire Cordeiro da Trindade Jr.

Partindo da premissa de que as interpretações contemporâneas da realidade social têm enfatizado o tempo em detrimento do espaço, uma “geografia humana crítica pós-moderna” teria na reafirmação do espaço sua tarefa mais relevante. Por conta disso, é uma abordagem que se caracteriza pela “resistência ao fechamento paradigmático e ao pensamento rigidamente categórico;...capacidade de combinar criticamente aquilo que, no passado, era considerado antitético/impossível de combinar;...rejeição das lógicas profundas totalizantes que cerceiam nossas maneiras de ver; e...busca de novos modos de interpretar o mundo empírico e arrancar suas camadas de mistificação ideológica”(p.92).

O argumento a partir do qual o autor discorre e desenvolve suas idéias reside no ponto de vista de que o tempo e a história têm ocupado uma posição privilegiada na consciência prática e teórica do marxismo ocidental e da ciência social crítica. Hoje, entretanto, talvez seja mais o espaço do que o tempo, que nos oculte as coisas; daí porque a construção da geografia, mais do que a construção da história, proporcione, no entender de Soja, um mundo tático e teórico mais revelador. Eis aqui a promessa e a premissa das “geografias pós-modernas” arroladas por esse autor.

Para ele, as “geografias pós-modernas” não significam a negação do tempo, a pretexto de um determinismo geográfico sofisticado, como poderíamos ser levados a imaginar num primeiro momento. Ao rechaçar aquilo que ele chama de historicismo, seu propósito não é outro, senão o de resgatar a dimensão espacial em abordagens que, direta ou indiretamente, trabalharam a noção de espaço na interpretação da realidade social. Neste ponto, em especial, o autor é bastante profícuo. Considera autores como Foucault, Berger, Berman, Jameson, Harvey e, sobretudo, Giddens e Lefebvre. A estes últimos reserva uma especial atenção, detendo-se na análise de suas obras.

Mostrando de maneira caricata sua proposta, Soja, inclusive, faz questão de combinar em seu livro um prefácio a um posfácio, procurando demonstrar com isso, que a lógica que amarra sua obra é espacial - uma geografia de relações e sentidos simultâneos - e não unicamente temporal - a narrativa que se desdobra sequencialmente.

Mas, em Soja, e parafraseando A. Kopp, o “pós-moderno” não parece ser apenas um estilo, mas também uma causa. A tentativa de contribuir para um projeto político é algo que está subjacente em sua argumentação. A desconstrução de uma teoria já consagrada, pressupõe, igualmente, reconstruções políticas e teóricas do mundo contemporâneo. Esse empreendimento deve servir de resposta aos processos de reestruturação e aos regimes de acumulação flexível e de regulação social, açambarcando desde “as estratégias grandiosas da geopolítica global até as pequenas táticas do habitat”(p.93), pontua o autor. Uma proposta um pouco ousada? Nem tanto. Para Soja “as mais importantes geografias pós-modernas ainda estão por ser produzidas”(p.95).

Em sua análise, um conceito que parece de significativa importância é o de “reestruturação”, que traz implícita a idéia de “freada e mudança”, ruptura de tendências seculares e mudança em relação a determinada ordem que se configura diferentemente na vida social, econômica e política. Para Soja, esse processo, atualmente, coloca-se em três planos, a saber: a reafirmação do espaço na teoria social crítica (o “pós-historicismo”), as mudanças no plano material da acumulação capitalista e da luta de classes (o “pós-fordismo”), e, por fim, a ênfase à dimensão cultural seguida de uma crítica à economia política urbana e regional (o “pós-modernismo”). É importante que se diga que tal como usado na obra, o prefixo “pós” indica para o autor “seguindo-se a” ou “depois de”, o que não implica, no seu entender, uma completa substituição do termo modificado. Por outro lado, elementos identificadores do “pós-modernismo”, do “pós-fordismo” e do “pós-historicismo”, podem ser encontrados num passado mais distante. A idéia de ruptura e continuidade é aqui considerada.

Ao que parece, essas três noções perpassam a obra de Soja, senão vejamos. Os primeiros capítulos estão voltados para a discussão teórica da problemática do espaço, buscando a reafirmação da dimensão espacial. Eles estão assim identificados: “História, Geografia, Modernidade”; “Espacializações: a geografia marxista e a teoria social crítica”; “A Dialética Sócio-espacial”; “Debates Urbanos e Regionais: a primeira rodada”; “Reafirmações: rumo a uma ontologia espacializada”; “Espacializações: uma crítica a versão giddensiana”. A revisão teórica

Saint-Claire Cordeiro da Trindade Jr.

do tema central da obra é feita com bastante propriedade por Soja nestes capítulos.

As mudanças no plano material da acumulação capitalista e da luta de classes são discutidas, inicialmente, no capítulo intitulado “Debates Urbanos e Regionais: a primeira rodada” e retomadas em “A Geografia Histórica da Reestruturação Urbana e Regional”. O resgate de abordagens críticas e a análise das mudanças contemporâneas constituem-se no ponto central desta subtemática.

Nos últimos capítulos - “Tudo se junta em Los Angeles” e “Decompondo Los Angeles: rumo a uma geografia pós moderna”-, há uma preocupação com o empírico, ao mesmo tempo em que se trabalha a dimensão cultural associada à economia política urbana e regional, sob uma outra perspectiva. Aqui a idéia de síntese a partir de um exemplo concreto serve para reforçar a compreensão de sua proposta.

A obra de Soja se inicia com um percurso na teoria social crítica desde o fim do século XIX até o período mais recente, procurando recuperar a contribuição de autores que, de uma maneira ou de outra, incluíram uma perspectiva de abordagem do espaço na interpretação da realidade social. Localiza, entretanto, uma das origens das “geografias pós-modernas” no fim dos anos sessenta - Michel Foucault e John Berger. O primeiro, um geógrafo “pós-moderno” que certamente não se reconheceria como tal, discorreu sobre a espacialidade da vida social, principalmente no espaço vivido dos locais e das relações entre eles. Sua visão, que não é desconstrutiva em relação ao historicismo, apresenta-se como integradora da história em relação ao espaço, ao saber e ao poder.

A exemplo de Foucault, Berger, o mais espacialmente visionário dos historiadores da arte, é outra expressão de uma “geografia oculta”, pondo em relevo a intersecção entre o tempo e o espaço. A interpretação que faz da realidade social contemporânea volta-se para a “modificação no contexto do sentido e da interpretação, que gira em torno do caráter de simultaneidade versus seqüência, espacialidade versus historicidade, e geografia versus biografia”(p.32); daí sua preocupação em dispor argumentos que definem a virada pós-moderna contra as determinações históricas, realçando a necessidade de uma narrativa explicitamente espacializada.

Ainda nesta seqüência, o autor faz uma crítica direta ao historicismo, responsável pela subordinação do espaço na teoria social; mas não só isso, mostra igualmente, que a instrumentalidade do espaço sucumbiu também do ponto de vista do discurso político e da prática, não obstante a existência de um arranjo espacial imposto pela modernidade, e que atendia à expansão capitalista. Juntamente com a rejeição de um determinismo ambiental, são desconsideradas também perspectivas de cunho espacial que o procuravam superar. Isto contribuiu, segundo o autor, para uma involução da geografia moderna em meados do século XX.

À tradição marxista francesa Soja atribui uma menor tendenciosidade anti-espacial; tendência esta que forçava o abandono das influências hegelianas e das mistificações espaciais. E em Lefebvre, que traz consigo as influências hegelianas, o autor identifica uma das fontes principais de ataque ao historicismo, a partir da ênfase à análise espacial dos processos sociais. A tentativa insistente deste filósofo em recontextualizar o marxismo na teoria e na práxis, é responsável também por uma interpretação materialista da espacialidade e pelo desenvolvimento do "materialismo histórico-geográfico". A tese central de Lefebvre é a questão da espacialidade e da reprodução social do capitalismo, ou seja, de como o capitalismo se produz e se reproduz, tendo no espaço que dele resulta uma possibilidade de sua reprodução, através de um desenvolvimento desigual e de tendências simultâneas para a homogeneização, a fragmentação e a hierarquização.

A articulação da forma espacial ao processo social parece ser, no dizer de Soja, a contribuição anglofônica primordial à geografia marxista. Combinou-se, em particular, a geografia humana com a análise das classes e a descrição dos efeitos geográficos com as explicações fornecidas por uma economia política marxista. Uma obra norteadora e influente nesse sentido é de autoria de David Harvey: "A Justiça Social e a Cidade"(1973).

Com duas escalas de análise e teorização dominantes - a urbana e o desenvolvimento capitalista internacional -, a combinação entre a geografia humana crítica e a economia política, atraiu muitos adeptos da geografia e do campo do planejamento urbano e regional. Não obstante,

Saint-Claire Cordeiro da Trindade Jr.

era uma abordagem que oscilava entre o historicismo pragmático e antiespeculativo e um estruturalismo neomarxista.

Sustentando uma crítica a essa perspectiva, Soja chama atenção para o tratamento dado ao espaço e à espacialidade, vistos como “expressão reflexa” do capitalismo. Faltava, portanto, um projeto de espacializar a teoria marxista, considerando que a organização espacial era não apenas um produto social, mas repercutia para a moldagem das relações sociais. Em outros termos, a espacialidade precisava ser vista “como parte de um materialismo histórico e geográfico, e não um simples materialismo histórico aplicado às questões geográficas”(p.74).Essa proposta de “inversão provocadora”, a de intercontigência de espaço e classe, espacialidade e sociedade, pressupunha, segundo o autor, a superação das ortodoxias herdadas do materialismo histórico; o que representa o desmonte da geografia moderna e a passagem para a “pós-modernidade”. Soja identifica em Lefebvre, Foulcault, Berger e Mandel os primeiros e mais perspicazes cartógrafos dessa transformação.

Algumas posições de desconstrução do materialismo histórico e de suas narrativas desespacializantes foram marcadas por autores como Harvey (“Os limites do capital”, 1982), Massey (“As divisões espaciais do trabalho”, 1984) e Smith (“O desenvolvimento desigual”, 1984), ainda que nem sempre levadas a seu desfecho, a exemplo do que propunha Lefebvre.

Há, assim, um desafio das “geografias pós-modernas”: desenvolver “uma nova maneira de olhar através dos véus gratuitos do pós-modernismo reacionário e do historicismo moderno avançado, para incentivar a criação de uma consciência espacial politizada e de uma práxis espacial radical”(p.95).

A análise de Soja segue-se por meio da abordagem de temas por ele considerados como trampolins importantes para a reafirmação do espaço na teoria crítica social, mediante a espacialização de conceitos e modos de análise marxistas fundamentais. Estes temas são: a dialética sócio-espacial, a especificidade teórica do urbano e o papel vital do desenvolvimento geograficamente desigual na sobrevivência do capitalismo.

Na abordagem da dialética sócio-espacial, o ponto central de discussão é, sem dúvida, a idéia de considerar o espaço organizado como

Biblioteca de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, sendo estas não apenas sociais, mas também espaciais. O social e o espacial possuem não só a mesma origem no modo de produção, como se mantêm dialeticamente inseparáveis.

A recorrência a Lefebvre nesta discussão é muito freqüente. Uma de suas frases em a "Revolução Urbana"(1970) é considerada por Soja como premissa básica da dialética sócio-espacial: "o espaço e a organização política do espaço expressam as relações sociais, mas também reagem contra elas"(p.103). Essa argumentação tem como culminância a sua tese principal sobre a produção social do espaço, servindo como elemento explicativo para a sobrevivência do capitalismo.

No tocante ao tema do urbano, chama atenção para a existência de uma problemática espacial específica colocada na agenda das considerações teóricas e da ação social radical. Este tema é visto em especial na obra de Lefebvre, ao considerar que em contraponto a uma época anterior, em que a industrialização produziu o urbanismo, vivencia-se agora uma situação em que a industrialização e o crescimento econômico, bases da acumulação capitalista, são primordialmente moldados pela e através da produção social do espaço urbanizado, que por sua vez, é planejada e orquestrada com o crescente poder do Estado. Aqui o autor não poupa o confronto de idéias. São seus interlocutores, além de Lefebvre, Harvey, Castells e Harloe.

Uma das questões que o autor polemiza entre esses interlocutores é sobre o papel do capital financeiro na cidade capitalista monopolista, por meio do qual se discute as determinações estruturais últimas entre capital financeiro e capital industrial. Para o autor, o que interessa é reconhecer o urbano como "parte integrante da espacialização envolvente e instrumental que era tão essencial ao desenvolvimento histórico do capitalismo"(p.123). Numa palavra, postula-se uma especificação espacial mais abrangente do urbano.

Na discussão sobre a problemática do desenvolvimento geograficamente desigual, a questão central é de mostrar como esse processo é tão necessário quanto contingente no capitalismo. Aqui a recorrência a Mandel é mais percebida. Um fator que explica esse processo é a Trans-

Saint-Claire Cordeiro da Trindade Jr.

ferência Geográfica do Valor - “mecanismo ou processo através do qual uma parte do valor produzido em dada localidade, área ou região é realizada em outra, somando-se à base de acumulação localizada da região receptora”(p.140). Nesta interpretação, a regionalização e o regionalismo são vistos como processos sociais hierarquicamente estruturados pelas relações fundamentais de produção.

Reafirmando a espacialidade, Soja parte em seguida para uma ontologia do espaço. Mostra como a história do marxismo ocidental é caracterizada pelas ilusões de espaço e de tempo, que podem ser resumidas a duas vertentes. A primeira, a “ilusão de opacidade”, é capaz apenas de mensurar e fazer uma descrição fenomênica. Trata-se de uma “cartografia cartesiana” do espaço, na qual a descrição substitui a explicação, e que está presente, por exemplo, em Bergson. A segunda, refere-se à “ilusão de transparência”. Aqui, o objetivismo sensorial é substituído pela cognição e desígnio mental, uma “subjetividade ideativa”, cuja fonte principal é Kant.

Para fugir a essas vertentes propõe a necessidade de uma construção ontológica em que se coloca a espacialidade existencial do ser. Para isso, reavalia as ontologias de Sartre e Heidegger, dois fenomenologistas existenciais do século XX; ontologias estas, segundo Soja, “temporalmente distorcidas”, mas que a despeito de suas conclusões últimas deram suas contribuições para a reafirmação do espaço na teoria social e na filosofia.

Este empreendimento inicial é retomado em seguida, quando o autor analisa as obras de Giddens. Preocupado com a reconceituação crítica da teoria social, sem perder de vista suas raízes históricas (Durkheim, Weber e Marx), Giddens se empenha na sua teoria da “estruturação espaço-temporal”, segundo a qual “os sistemas sociais...são concebidos como práticas situadas, relações padronizadas (estruturadas) que se reproduzem socialmente no tempo e no espaço”(p.173). Para ele, a matriz espacial abarca, situa e constitui toda a ação humana, concretizando a história e a geografia. É a Giddens que Soja atribui a elaboração, pela primeira vez, de uma ontologia social sistemática capaz de sustentar a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Em a “Constituição da Sociedade”(1984), percebe-se, além disso, a combinação entre ação/estrutura, indivíduo/sociedade, subjetividade/objetividade.

A análise que segue a esta refere-se à geografia histórica da reestruturação urbana e regional, na qual o autor examina, à luz da economia política, os desdobramentos do capitalismo ao nível regional e urbano. Trata-se de uma geografia histórica do capitalismo, através de análises da evolução da forma urbana, dos mosaicos mutáveis do desenvolvimento regional desigual e das várias reconfigurações de uma divisão espacial internacional do trabalho.

O propósito de descrever aspectos da reestruturação do ponto de vista espacial, faz o autor estabelecer uma periodização, construída segundo determinadas rupturas/tendências - ainda que parciais - observadas no desenvolvimento capitalista, culminando com o advento de um novo regime: o de acumulação flexível. Neste aspecto, enfatiza a instrumentalidade das estratégias espaciais e de controle social do capital, por ora mais claramente reveladas, e que se mostra como um verdadeiro desafio às forças sociais progressistas, no sentido de criar contra-estratégias nas diversas escalas espaciais.

Análise semelhante é feita por Soja em relação à forma urbana. Lembra que a estrutura interna da cidade capitalista tem passado por reestruturações induzidas pela crise que moldou a paisagem macrogeográfica do capitalismo e que o período atual é marcado por profunda e perturbadora metamorfose urbana. Um modelo simplificado e generalizado é proposto pelo autor, tomando como parâmetro as cidades americanas. A partir dele verifica-se que, ao longo de quatro períodos de reestruturação, visualiza-se a "cidade mercantil", a "industrial de livre concorrência", a de "monopólio empresarial" e a "administrada pelo Estado fordista".

Ainda que de maneira prematura, o autor estabelece alguns elementos para se pensar o processo de reestruturação contemporâneo, nascido de uma combinação da desindustrialização com a reindustrialização. Esses elementos são: descentralização e recentralização das nodalidades urbanas, renascimento cuidadoso e orquestrado do centro metropolitano e formação de novas concentrações no tecido metropolitano, surgidas das chamadas "cidades externas".

Para este momento de reestruturação o desafio é - já que nem a economia política urbana marxista e nem a teoria urbana convencional

pação em trabalhar novas perspectivas na compreensão da realidade social, instiga à leitura de autores importantes, a exemplo do que faz em relação a Giddens.

Por outro lado, seu intento em reafirmar a dimensão espacial, coloca-nos diante de temas que muitas vezes já estamos acostumados a discutir à luz da teoria social crítica. É o que acontece, por exemplo, quando o autor aborda a questão da reestruturação urbana e regional. Aqui, ao que parece, ele não se propõe a trazer muitas novidades. As contribuições de determinados autores, bastante citados nos estudos mais recentes de geografia urbana e regional, são reafirmadas. O que ele nos sugere, é considerar os grandes avanços na abordagem espacial, e mais que isso, a importância deles para os estudos que até então negaram ou simplesmente não trabalharam essa perspectiva.

Considerando todas as suas argumentações, fica mais fácil compreender ao final da leitura, ou mesmo de uma releitura, o uso de termos como “materialismo histórico e geográfico”, “dialética sócio-espacial” e mesmo “geografias pós-modernas”. Trata-se de um esforço, diria de legitimação, e não uma imposição de conceitos. O que não vale dizer, entretanto, que o atual período histórico seja a era do espaço e não mais a do tempo, como quer sugerir o autor, mas sim do reconhecimento do primeiro - do espaço -, haja vista que a teoria social crítica soube considerar o tempo a contento.

A julgar pela sua importância, a obra de Soja não se dirige exclusivamente a geógrafos, mas a todos aqueles que no interesse das ciências sociais estejam preocupados com novas perspectivas de abordagem da sociedade e de suas questões.

